



PRESENÇA DE AMASTIGOTAS DE LEISHMANIOSE EM LÍQUIDO PERITONEAL: RELATO DE CASO

PRESENCE OF LEISHMANIASIS AMASTIGOTS IN PERITONEAL FLUID: CASE REPORT

Ana Carolina Alves Pereira¹

Brenda Emily de Assis Tavares²

Gabriel Teixeira Alves Silva¹

Vítor Roberto de Jesus Lopes²

Viviana Feliciano Xavier³

INTRODUÇÃO: A *Leishmania* integra um grupo de doenças infecciosas, onde sua transmissão ocorre por meio do Flebotomíneo do gênero *Lutzomyia*, pertencente à família Psychodida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014), também conhecido como mosquito-palha. Os cães são o principal reservatório da *Leishmania infantum*. A Leishmaniose Visceral Canina (LVC) requer cuidados veterinários para controle da doença, pois, se não tratada pode ocasionar o óbito do paciente por não possuir uma resposta imunológica eficiente contra o parasita (SILVA, 2007). O principal vetor da Leishmaniose Visceral (LV) é o *Lutzomyia longipalpis*, capaz de transferir as formas promastigotas do protozoário no momento do repasso sanguíneo para a corrente sanguínea do cão e em seguida as promastigotas são fagocitadas por macrófagos e são transformadas e multiplicadas em amastigotas (GREENE, 2016). Por ser o principal reservatório da LV, o diagnóstico precoce e o tratamento correto tem papel fundamental no controle epidemiológico. Diversos são as linhas de pesquisa que buscam alternativas para o diagnóstico da doença (FARIA, 2016), para que novos métodos de coleta sejam utilizados e os resultados sejam eficazes. Para um diagnóstico definitivo, o achado de amastigotas em amostras teciduais confirmam a suspeita. O relato de caso tem por objetivo trazer o achado inusitado de uma cadela, sem raça definida, de 13 anos, que apresentou formas amastigotas no esfregaço de líquido peritoneal. **MATERIAL E**

¹Residente de Clínica Médica, Clínica Cirúrgica e Anestesiologia em Pequenos Animais - PUC Minas - Betim/MG - Brasil

²Graduando (a) do curso de Medicina Veterinária – PUC Minas – Betim/MG – Brasil

³Docente do curso de Medicina Veterinária – PUC Minas – Betim/MG – Brasil.

MÉTODOS: Cadela sem raça definida, de aproximadamente 13 anos de idade, pesando 7,2 kg, soropositiva para leishmaniose visceral em que apresentou quadro ascítico agudo e importante, associado a prostração, desconforto abdominal e aumento importante de volume em região ventral esquerda do pescoço e cervical. Na avaliação clínica, paciente apresentou pulso arterial hipercinético, linfonodos reativos, abaulamento abdominal, sem dor a palpação, e teste de balotamento positivo. Os achados laboratoriais, obtiveram sorológico positivo para leishmaniose há mais de 3 anos e exames evidenciando alterações nos valores de ureia 188 g/L, sendo que os valores de referência são de 20 a 50 g/L e creatinina 2,1 mg/dL, sendo que o normal seria de 0,5 a 1,60 mg/dL, anemia microcítica hipocrômica, trombocitopenia e hipoalbuminemia. Ao exame ultrassonográfico abdominal e da massa em região cervical, observou-se moderada quantidade de líquido livre abdominal e massa tumoral vascularizada em glândula tireóide direita com desvios dos vasos adjacentes. Diante do quadro clínico o animal foi internado para abdominocentese, onde foram drenados 1000 mL de líquido peritoneal e amostras desse material foram encaminhadas para análise citológica, onde se observou formas de amastigotas de *Leishmania* sp intra e extracelular. Diante do quadro clínico e prognóstico desfavorável devido a outras comorbidades principalmente quadro neoplásico na tireoide, paciente foi submetido a eutanásia.

RESULTADOS e DISCUSSÃO: A LV é uma doença endêmica no Brasil, com destaque nas regiões nordeste, sudeste e centro-oeste. Segundo dados do ministério da saúde do Brasil, a incidência média anual é de 3.500 casos em humanos, com coeficiente de 2 casos/100.000 habitantes e, estima-se que para cada humano com diagnóstico positivo, há cerca de 200 casos de cães com LVC (BIANCHINI, 2023), portanto se faz imperioso que os cães que habitam nessas áreas sejam investigados mesmo que assintomáticos. Os sinais clínicos não são patognomônicos para LV, contudo, alguns são mais frequentes em animais doentes, como por exemplo, a caquexia, lesões cutâneas, hepatoesplenomegalia, imunossupressão, linfadenomegalia, onicogribose e anemia, sendo a presença de ascite um caso raro e pouco relatado (TORRES, 2006). Diagnosticada a mais de 3 anos com o parasita, a análise da lâmina com líquido peritoneal foi capaz de identificar formas de amastigotas de *Leishmania* sp intra e extracelular, corroboram com Lima (2021), onde afirma que humanos, onde apresentam LV, em estágio crônico, podem apresentar ascite (DE LIMA, et al., 2021). A leishmaniose pode ainda ser um fator de risco para certos tipos de neoplasias (TORRES, 2006) e a imunossupressão do câncer pode facilitar a infecção por *Leishmania*, ou mesmo facilitando sua multiplicação, elevando drasticamente a carga parasitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A presença de formas de amastigotas de leishmaniose intra e extracelular em líquido ascítico constituem achado pouco descrito na

literatura, sendo mais comumente encontradas em medula óssea, baço, lesões cutâneas e linfonodos. Acredita-se que o quadro de elevada parasitemia associado à imunossupressão causada pelo câncer contribuiu para disseminação do parasita no organismo da paciente. Devido a raridade do caso e poucos estudos a respeito, esse relato reforça a importância da avaliação de líquido peritoneal em pacientes com ascite e sob suspeita de leishmaniose, a fim de melhorar compreensão desta doença.

Palavras-chave: Leishmaniose Visceral Canina; Diagnóstico; Ascite; Imunossupressão; Neoplasias.

Keywords: Visceral Canine Leishmaniasis; Diagnosis; Ascites; Immunosuppression; Neoplasms.

REFERÊNCIAS

BIANCHINI, M. B. **Estudo transversal da leishmaniose visceral na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.** 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37517>. Acesso em 20 abr. 2023.

DE LIMA, R. G. et al. Perfil epidemiológico da leishmaniose visceral no Brasil, no período de 2010 a 2019. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e6931, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6931>. Acesso em: 22 abr. 2023.

FARIA, A. R.; ANDRADE, H. M. **Diagnóstico da Leishmaniose Visceral Canina: grandes avanços tecnológicos e baixa aplicação prática.** *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 7, n. 2, p. 63-68, 2016. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-62232012000200007&lng=pt&nrm=is. Acesso em 22 abr. 2023.

GREENE, C. E. **Doenças infecciosas em cães e gatos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral.** Brasília - DF, 2014. 1ª edição, 5ª reimpressão. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_controle_leishmaniose_viscerall_1edicao.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

RASHIDI, S. **Potential therapeutic targets shared between leishmaniasis and cancer.** *Parasitology*, v. 148, n. 6, pp. 655-671, 2021. DOI: 10.1017/S0031182021000160. PMID: 33536086. PMCID: PMC10090780.

SILVA, F. S. **Patologia e patogênese da leishmaniose visceral canina.** *Revista Tropical – Ciências Agrárias e Biológicas*, v. 1, n. 1, p. 20-31, 2007.

TORRES, F. D. Presença de leishmania amastigotas no líquido peritoneal de um cão com leishmaniose de Alagoas, nordeste do Brasil. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, v. 48, n. 4, pp. 219-221, julho-agosto, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rimtsp/a/KzfNRCWmbfvq4JJ8P5WXfyf/abstract/?lang=pt>. Acesso em 9 abr. 2023.